

A minha pobre Carlota,
A companheira querida,
O raio de claridade
Da noite da minha vida.

Os artigos do Bezerra
De outros tempos, no "O País",
O mestre da Velha Guarda,
Unida, forte e feliz.

A tua doce amizade
A luz do Consolador,
Teu coração generoso
De amigo, irmão e mentor.

Ah! Quintão, hoje os meus olhos
Embebedam-se de luz,
Pelas estradas sublimes
Da santa paz de Jesus!

Mas não sei onde a saudade
É mais forte nos seus véus,
Se pelas sombras da Terra,
Se pelas luzes dos Céus.

CASIMIRO CUNHA

Esta poesia singela e, por assim dizer, intimamente pessoal, foi recebida em circunstâncias imprevistas e timbra episódios velhos de mais de 30 anos, que o médium não podia conhecer, atento mesmo a sua banalidade. *Singelos* e *Aves Implumes* são títulos de dois pequenos volumes de versos publicados em começos do século. *Carlota* é o nome da espôsa do poeta cego, também cegada de uma vista, por acidente, depois de casada. (*Nota de M. Quintão*).

DEPOIMENTO DE R. MAGALHÃES JÚNIOR^(*)

De sua excelente entrevista concedida ao jornal "A Noite" de 14 de agosto de 1944, destacamos apenas o seguinte trecho, para nossos estudos:

"Quem leia durante sessenta dias, noite e dia, dia e noite, apenas Euclides da Cunha, escreverá no estilo de Euclides sem notável esforço, sem fazer uma ginástica mental muito dura. A mesma coisa acontece com quem leia Machado de Assis, com quem leia Castro Alves. Quanto mais pessoal fôr o escritor, tanto mais facilmente êle poderá ser imitado. Mas a imitação exige, sem dúvida, qualidades de inteligência, um bom fundo de cultura, lógica na escolha dos assuntos e na exposição das idéias, em suma, uma certa consciência dos valores literários — e digo isto falando apenas na imitação intencional, que se argúi contra o Sr. Francisco Cândido Xavier, aliás Chico Xavier. E por essas mesmas razões declaro que, se Chico Xavier é um embusteiro, é um embusteiro de talento. Para um homem que fêz apenas o curso primário, sua riqueza vocabular é surpreendente. Sua facilidade de imitar seria um dom excepcionalíssimo, porque êle não imita apenas Humberto de Campos, mas Antero de Quental, Alphonsus de Guimaraens, Artur Azevedo, Antônio Nobre, etc.

Foram precisamente as quadrinhas atribuídas a Antônio Nobre que mais interessaram à minha curiosidade, no volume que me mandou a Federação Espírita Brasileira. Algumas são simplesmente passáveis, mas outras trazem uma forte marca de identificação, parecendo mesmo sopradas ao ouvido de Chico Xavier pelo Espírito de Anto. Quem conhece a obra do poeta do "Só", não pode deixar de reconhecer como fino lavor, no estilo de Anto, esta quadrinha aos velhos:

(*) "A Noite", Rio, 14-8-44. R. Magalhães Júnior, da Acad. Brasileira de Letras.

*"Ó figuras de velhinhos
Que andais dormitando ao leu!
Como são belos os linhos
Que vos esperam no Céu!"*

E esta outra, não é também extremamente parecida com as tristes quadras do poeta doente e melancólico?

*"Um anjo cheio de encanto
Vive sempre com quem chora,
Guardando as gótas de pranto
Numa urna côr de aurora..."*

Poeta simples, Antônio Nobre é muito mais difícil de imitar do que Augusto dos Anjos — outro dos poetas psicografados — com suas moneras, protozoários, blastodermas, embriões, placentas, podridões, catalepsias, diatomáceas, criptógamas, cápsulas, ânsias telúricas, frialdades inorgânicas, metempsicoses e macacos catarríneos. E a imitação dessas duas quadras — se é mesmo imitação — é perfeita. Mais perfeita que qualquer dos pastiches de Paul Reboux, no seu livro "À la manière de...". Quem negar Chico Xavier como médium estará fazendo o seu elogio como pastichador."

JOVEM GOIANA CONSOLA SUA MÃE: "NINGUÉM MORRE!..."^(*)

Querida Mamãe, Deus nos ampare. Venho pedir à senhora para que me auxilie com a sua calma e com a sua fé em Deus.

Auxilie-me. Abençoe-me. Se deixei meu corpo fora de nossa casa, mamãe, isso não é motivo para que a senhora se aflijá tanto. Creia que pressenti o momento da separação, mas não pude evitá-lo. Pudesse e seria remoída para junto de seu coração, para junto de papai, do Humberto e do Paulo Humberto e de nossa Maria José, de modo a vê-los tranqüilos. Mas a senhora sabe que nós não conseguimos alterar os Desígnios da Vida Superior. Um passeio, um simples passeio, por vêzes, é o adeus na Terra. Perdoe sua filhinha pela falta involuntária. A senhora sabe que acima de tudo sempre desejei a sua paz e a sua alegria. Suas lágrimas, desde fevereiro do ano passado, caem sobre mim como pingos de fogo. "Por quê? Por quê? minha filha! minha filha!" Cada gôta é uma interrogação que me faz sofrer muito... Ah! Se a senhora compreendesse a angústia dos que são interpelados no túmulo sem a capacidade de responder, com certeza, maezinha, seu coração já estaria asserenado. Não digo isso como quem se queixa. Peço-lhe amparo, entendimento, serenidade, paciência... A senhora sempre foi tão carinhosa e tão boa! Sempre me adivinhava os menores pensamentos! Sinta-me outra vez doente, ao seu lado, rogando-lhe a bênção, e com a sua bêncio, a sua assistência generosa. Faça com que meu coração

(*) Reportagem de Antônio F. de Abreu, publicada em «O Triângulo Espírita», de Uberaba, Ano 2, n.º 13, 8-12-67. Mensagem psicografada na noite de 21-7-67. Espírito comunicante: Heloisa Nelly Ludovico, que desencarnou aos 19 anos de idade, a 6 de fevereiro de 1966. Seus pais: Dr. Humberto Ludovico de Almeida e D. Nelly Alves de Almeida, residentes em Goiânia. Estavam presentes à reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, além da progenitora da comunicante, a sua tia, D. Geralda César Neto.